

O FANÁTICO E MÍSTICO BRASILEIRO DOS SERTÕES: Representações Literárias de Antônio Conselheiro na Obra *La guerra del fin del mundo*

Leonardo Guimarães Leiteⁱ

RESUMO

O presente texto objetiva discutir aspectos relacionadas ao processo de elaboração da obra *La guerra del fin del mundo* (1981), do escritor peruano Mario Vargas Llosa. O romance em questão tematiza a Guerra de Canudos (1896-1897) utilizando como principal intertexto, a clássica obra de Euclides da Cunha (1866-1909) *Os Sertões* (1902). Intentamos também, discutir representações literárias do líder do arraial de Belo Monte, Antônio Conselheiro, a partir do romance de Vargas Llosa, travando um diálogo com as obras *Um místico brasileiro* (1919), do inglês Robert B. Cunningham Graham, e *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

PALAVRAS-CHAVE: Antônio Conselheiro, literatura, Mario Vargas Llosa.

Antônio Conselheiro (1830-1897), sem dúvida, configura-se como um dos personagens mais estudados na historiografia brasileira. Prova disso são os vários livros (científicos e literários), teses, dissertações e estudos monográficos, que foram publicados sobre a Guerra de Canudos (1896-1897) e seu líder, ao longo do século XX. Nas primeiras décadas do século XXI, por incrível que pareça, o número de estudos produzidos sobre o assunto, ainda continua num ritmo consideravelmente alto e a história do arraial de Belo Monte, seu líder, e sua gente, continuam a estimular o pensamento e a curiosidade de variados intelectuais, contribuindo, como bem afirmou Ana Paula Bovo, para o aumento desta “*extensa rede de textos e escritos sobre o tema*”.ⁱⁱ

Essa quantidade de textos escritos e reescritos ao longo dos anos sobre Canudos foram baseados como sabemos, em uma série de interpretações de variadas matrizes teóricas e ideológicas, onde as representações literárias e historiográficas contribuíram de forma significativa para transformar Antônio Conselheiro (1830-1897) em um personagem bastante complexo, de variadas faces, em contínua re (construção) e reelaboração.

Sem dúvida, Euclides da Cunha (1866-1909) foi um dos principais intérpretes da Guerra de Canudos e como não poderia deixar de ser, através de sua principal obra, *Os Sertões* (1902), contribuiu fortemente para a construção de uma imagem de Conselheiro que se cristalizou por

muito tempo e que acabou, posteriormente, influenciando direta ou indiretamente, a maioria das produções sobre o tema. José Calasans (1915-2001), importante estudioso canadense, chega a afirmar que a interpretação de Euclides, prendeu a história de Canudos em uma “gaiola de ouro”.

No início da década de 1970, depois de conhecer a obra-mestra de Euclides da Cunha, o escritor peruano, Mario Vargas Llosa, a partir de um roteiro de filme, que não chega a se concretizar, decidiu dar início a um projeto de escrita de um romance sobre a Guerra de Canudos. Deste modo, em 1981 foi lançado *La guerra del fin del mundo*, um livro que se pretendia, além de recontar uma história que já havia sido contada de várias maneiras e de variados pontos de vista, reescrever um dos maiores clássicos da literatura brasileira: *Os Sertões*.

Pretendemos neste breve artigo, discutir aspectos relacionados ao processo de elaboração da obra *La guerra del fin del mundo* (1981), do escritor peruano Mario Vargas Llosa. Intentamos também, discutir representações literárias do líder do arraial de Belo Monte, Antônio Conselheiro, a partir do romance de Vargas Llosa, travando um diálogo com as obras *Um místico brasileiro* (1920), do inglês Robert B. Cunningham Graham (1852-1936), e consequentemente, com *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

VARGAS LLOSA, LA GUERRA DEL FIN DE MUNDO E O CONSELHEIRO.

Mario Vargas Llosa nasceu no Peru, em 1936, na cidade de Arequipa, sendo considerado na atualidade, como um dos maiores escritores latino-americano. É ainda jornalista, ensaísta, dramaturgo, crítico literário, além de ter sido professor de literatura, atividade que exerceu por muitos anos em diversas universidades norte-americanas e europeias. Publicou várias obras, a maioria constituindo sucesso de crítica e venda inclusive no Brasil, a exemplo de *A casa verde*, *Conversas na Catedral*, *Pantaleão e as visitadoras* e *o Falador*.ⁱⁱⁱ

No início da década de 1970, Vargas Llosa foi convidado pela Paramount de Paris, para ser roteirista de um filme que seria dirigido pelo cineasta moçambicano Ruy Guerra, - um dos grandes expoentes do Cinema Novo- sobre a história de um acontecimento que tivesse alguma ligação com a polêmica Guerra de Canudos que havia se desenrolado no sertão da Bahia no final do século XIX e que, até aquele momento, era desconhecido pelo escritor peruano. O filme acabou não se concretizando - apesar de uma pré-produção já bem encaminhada se chamaria *La*

guerra particular ou *Los papeles del infierno*- mas, completamente “enfeitiçado” pela temática da Guerra de Canudos e pela leitura de *Os Sertões*, Vargas Llosa continuou pesquisando e estudando sobre o tema e decidiu escrever um livro sobre esse acontecimento que ao longo dos anos sofreu várias interpretações de diferenciados grupos e indivíduos.

No ano de 1979, entre os meses de Agosto e Setembro, na companhia de Renato Ferraz, antropólogo e um grande conhecedor do sertão baiano, Vargas Llosa, percorrendo o interior da Bahia e de Sergipe, seguiu as pegadas e o rastro por onde o Conselheiro havia passado a cerca de cem anos atrás. O escritor peruano chega a relatar em entrevista concedida ao jornal *A Tarde*, que visitou cerca de vinte e cinco povoados onde Conselheiro esteve (onde realizou diversas entrevistas) e que esta viagem foi definitiva para dar prosseguimento ao processo de escrita seu romance,

(...) Você não sabe o que foi para mim chegar ali perto onde foi o cenário da grande batalha da guerra, onde está a cruz que ficava na igreja de Canudos. (...) Você não sabe o que foi para mim chegar ali. Eu estava há dois anos trabalhando nisso, e era como se minha fantasia se estivesse materializando. Até ali, o trabalho de escrever tinha sido angustiante. Mas dali até terminar o livro, que foram mais dois anos, trabalhei com um enorme entusiasmo, dez, doze horas por dia.^{iv}

Nesse mesmo ano, o jornal *A Tarde* do dia 6 de Setembro publicou uma matéria sobre Vargas Llosa e a produção de seu romance intitulada: *Vargas Llosa poderá lançar na Bahia seu livro sobre Canudos*.^v Esse artigo revela detalhes interessantes da passagem de Vargas Llosa pela Bahia e sua importância para entendermos alguns aspectos da produção de seu romance sobre Canudos. Essa matéria explicita que no ano de 1979, Vargas Llosa já tinha um rascunho de 900 páginas e que sua visita à Bahia depois de dois anos de estudos e elaboração de *La guerra del fin del mundo*, contribuiu muito, para lhe dar mais segurança ao escrever a redação final do livro

De qualquer modo, achei de suma importância vir à Bahia para me integrar no ambiente histórico, físico e social de Canudos. Não que seja um livro histórico, longe disso, mas quero me situar, me sentir seguro quando estiver fazendo a redação final do romance em torno de Antônio Conselheiro.^{vi}

Mesmo Vargas Llosa afirmando nessa entrevista ao periódico baiano, que não queria escrever um “livro histórico” nesse projeto e, por isso, não tinha nenhum compromisso com a

verdade, antes, sua intenção era mesmo inventar, mentir - ideia que ele repete em todas as suas entrevistas e falas quando se refere *La guerra del fin del mundo*- seu procedimento metodológico muito se aproxima ao do historiador.

Para Vargas Llosa, escrever sobre um tema tão caro à história brasileira, configurou-se em uma tarefa árdua, bastante complicada e, de certo modo, até mesmo temerosa. Na construção de *La guerra do fim do mundo* considerada pelo próprio autor como sua melhor obra, uma de suas maiores dificuldades, foi recontar uma história que já havia sido contada várias vezes e de diversas maneiras. Contudo, essa nova tarefa tinha um significado especial para Vargas Llosa: escrever um romance que já planejava desde o início da sua empreitada como escritor: “*um romance de aventuras, em que a aventura fosse o principal- não a aventura puramente imaginária, mas com raízes muito fortes numa problemática histórica e social*”.^{vii} Esse empreendimento significou ainda quatro anos de estudos no qual ele teve que ler documentos históricos e uma centena de trabalhos realizados sobre o tema, além de ter que se debruçar sobre um dos maiores clássicos da literatura brasileira: *Os Sertões*. Segundo o próprio Vargas Llosa, a leitura do “livro vingador” de Euclides, provocou-lhe uma grande emoção - só comparada à leitura de grandes clássicos, como *Os três Mosqueteiros* na infância, ou *Guerra e Paz* e *Madame Bovary* na fase adulta-, pois ele via naquele livro entre outros elementos, uma espécie de síntese da história da América Latina.

“(…) é como um manual de latino-americanismo, quer dizer, neste livro se descobre primeiro o que não é América Latina. A América Latina não é tudo aquilo que nós importávamos. Não é tampouco a Europa, não é a África, nem é a América pré-hispânica ou as comunidades indígenas, e ao mesmo tempo é tudo isso mesclado convivendo de uma maneira muito áspera e difícil, às vezes violenta. E de tudo isso resultou algo que muitos poucos livros antes de *Os sertões* haviam mostrado com tanta inteligência e brilho literário”.^{viii}

Outra importância da leitura de *Os Sertões* para o intelectual peruano foi o exemplo da concretude da escrita de um *romance total*, sua grande obsessão enquanto literato. Segundo Gutiérrez, não conseguindo escrever o livro fundacional da história peruana, escreve o brasileiro, querendo representar com isso a história do continente.^{ix} Na estética literária vargalhosiana, faz-se presente a tentativa de recriar grandes painéis da sociedade, herança dos escritores do século XIX, como Balzac (1799-1850), Dostoiévski (1821-1881), Tolstói (1828-1910), Flaubert (1821-1880) e Vitor Hugo (1802-1885). É o que realizou na obra *La guerra del fin del mundo* onde o

escritor peruano tenta esboçar um panorama geral do Brasil no final do século XIX, focalizando as realidades tanto do sertão como da capital do Estado da Bahia através de seus vários personagens (cerca de 30) e do recurso a narrativa polifônica; enfocando, principalmente, as lutas políticas que estavam sendo travadas como pano de fundo da guerra. Na tentativa de narrar à história a partir de vários pontos de vista causando o efeito enigmático, ambíguo e misterioso que mostra a complexidade de um determinado fato ou assunto que, Vargas Llosa, se aproxima dos escritos de William Faulkner (1897-1962).

Todavia, o ponto central que permeia *La guerra del fin del mundo* é a retomada da problemática norteadora do livro de Euclides: a dicotomia existente entre civilização e barbárie que permanece na América Latina até os dias atuais, segundo Vargas Llosa, e onde a questão do fanatismo^x tem um lugar de destaque. Para o escritor peruano a obra de Euclides revela-se um manual de latino-americanismo, na medida em que mostra a difícil convivência de culturas distintas no mesmo território. Vem daí sua definição de “cultura hermafrodita” quando se refere à cultura latino-americana.

Vargas Llosa ao evidenciar a questão civilização X barbárie no Brasil do século XIX - momento em que o país passava por um grande processo modernizador - objetiva também, chamar a atenção de alguma forma para o fato de que o Peru e algumas regiões da América Latina do final do século XX precisavam passar também por um processo de modernização. Por isso, seu retorno ao Peru em 1974 e sua posterior candidatura à presidência em 1990, portando o discurso liberal de transformar o seu país, em uma potência industrial, não se configura como surpresa. Por isso, ao lermos a obra de Vargas Llosa não podemos ser ingênuos e acreditar que esse autor utiliza a dicotomia civilização\barbárie como um empréstimo *ipsis litteris* do escrito euclidiano.

É importante salientar, que outro fator que não pode passar despercebido, quando analisamos *La guerra del fin del mundo* e sua relação de intertextualidade com *Os Sertões*, é a construção do personagem principal: Antônio Conselheiro. Diferentemente de Euclides da Cunha, que na segunda parte de *Os Sertões*, *O homem* faz toda uma descrição do homem brasileiro e nordestino, para daí, poder inserir a vida do Conselheiro e explicá-lo como representante desse contexto maior, o escritor peruano, não contextualiza a vida do beato

ocultando sua origem e sua história, técnica literária, que acaba revestindo-o em uma áurea de mistério e fanatismo,

El hombre era alto e tan flanco que parecia siempre de perfil. Su piel era oscura, sus huesos proeminentes y sus ojos ardían com fuego perpetuo. (...) Era imposible saber su edad, su procedência, su historia, pero algo habia em su facha tranquila, en sus costumbres frugales, em su imperturbable seriedad que, na antes de que diera consejos, atraía a lãs gentes.^{xi}

Outra técnica utilizada por Vargas Llosa na construção do beato Conselheiro, que pode ser entendida também como uma técnica cinematográfica, é mostra-lo, apesar de todo o mistério que o cerca, como elemento principal do romance, uma inversão que “*põe o homem na frente da paisagem*”.^{xii} De acordo com Tarcisio do Rego outra inversão realizada por Vargas Llosa, em relação a *Os Sertões*, é a minuciosa descrição que o escritor peruano faz da biografia dos seguidores do Conselheiro^{xiii}, destacando a miséria de suas vidas antes de conhecer o profeta sertanejo e a glória e redenção dos mesmos quando se convertem ao ouvirem suas palavras.

Completado essa ideia, Rinaldo de Fernandes, aponta ainda que o Conselheiro de Vargas Llosa vai transformando-se num personagem bastante complexo, “*personalidade de tipo de especial*”, que só poderá ser entendido se levarmos em consideração a biografia de seus seguidores.^{xiv} Em cada biografia que Vargas Llosa faz de seus fiéis seguidores como Antônio Beatinho, Leão de Natuba e Pajeú, percebemos de alguma forma a presença da personalidade e da vida de Conselheiro, marcada como a vida de muitos sertanejos, por várias dificuldades, onde a religião passa a ter um papel central na mudança de suas vidas acrescentando-lhes, muitas virtudes.

O escocês, Robert Cunninghame Graham foi outro estrangeiro que escreveu sobre a vida de Antônio Conselheiro publicando em 1920 o ensaio intitulado *A Brazilian Mystic: Being the Life and Miracles of Antônio Conselheiro (Um místico brasileiro: vida e milagres de Antônio Conselheiro)*. Nessa obra que pode ser lida como uma tradução resumida de *Os Sertões* em língua inglesa, Cunninghame Graham, esboça uma imagem que caracteriza o líder de Belo Monte, um pouco diferente de Euclides, como um místico, devido ao conteúdo de seus sermões, e suas condutas ascéticas classificando-o assim, como o escritor brasileiro, como um indivíduo a margem da civilização. Outra herança euclidiana partilhada por Graham é a vinculação de sua

imagem ao gnosticismo.^{xv} Se em *Os Sertões*, Conselheiro aparece como *gnóstico bronco* em *Um místico brasileiro* ele é apresentado como o *gnóstico inconsciente*.

Assim como Vargas Llosa, Graham descreve o Conselheiro de uma forma que nunca o revela por completo utilizando em alguns momentos a técnica romanesca que preserva o tom de complexidade e mistério que cerca o líder sertanejo,

Mais que o seu precedente, *Os sertões*, em alguns momentos, *Um místico brasileiro* apura o tom romanesco, em certo grau, poderia-se dizer que o escritor inglês ocupa os vazios ou os interstícios narrativos deixados pelo escritor brasileiro. (...) o relato contém passagens de alento épico e personagens vividos, uns e outros elevados acima da mera intenção de notificar o ocorrido. (...) o retrato físico de Antônio Conselheiro, aproxima-se e se afasta de seu mundo interior, conservando o enigma de uma identidade complexa que nunca é definida taxativamente (...)^{xvi}

Apesar de sua estrutura narrativa ser incontestavelmente ensaística e muito influenciada como já destacamos pela obra-mestra de Euclides como o destaque ao discurso da ciência dado na primeira parte do livro, *Um místico brasileiro* perpassa a categoria de ensaio sobre Canudos e biografia de Antônio Conselheiro dando importância assim como Euclides a aspectos raciais, psicológicos, culturais e históricos. Contudo, acentuando em alguns momentos características próprias do romance, principalmente nos capítulos em que descreve a vida de Conselheiro e suas obras, atitudes e sermões ganham em alguns momentos o tom de mistério e mito.

Assim como Vargas Llosa, Graham descreve, ainda que de forma não tão abrangente quanto o escritor peruano, a biografia de alguns seguidores do Conselheiro, como José Venâncio, Pajeú e Lalau. Entretanto, classifica-os como “*homicidas e ladrões de gado, os homens degradados do sertão afluíam a Canudos e eram recebidos no rebanho*”.^{xvii} Em *La guerra del fin del mundo*, Vargas Llosa ao tecer algumas biografias dos jagunços, também destaca nestes alguns aspectos sombrios do seu passado e sua conversão a uma nova vida quando encontram-se com o beato cearense. Por exemplo, o personagem João Grande, um negro nascido em um engenho no Recôncavo baiano, que comete um crime brutal contra a irmã de seu senhor tem a vida mudada quando se encontra com o Conselheiro.

João Grande lo estuvo escuchando, conmovido hasta los huesos por lo que oía y por la música con que venía dicho lo que oía. La figura del santo se le

velaba a ratos por las lágrimas que acudían a sus ojos. Cuando el hombre reanudó su camino, se puso a seguirlo a distancia, como un animal tímido. .^{xviii}

Quando Graham refere-se aos seguidores de Conselheiro, percebemos na sua narrativa uma visão depreciativa e negativa “*a flor e a nata da sem-vergonhice dos jagunços chegou a Canudos para formar sua guarda pessoal*”^{xix}, mas que não pode ser desvencilhada do saber em voga, do tempo da escrita da obra, o racismo cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passados mais de 180 anos de nascimento de Antônio Conselheiro, e mais de um século de sua morte, sua memória continua viva entre os moradores do sertão nordestino. Apesar de hoje ser reconhecido como o líder do maior movimento popular do país, engana-se quem pensa que sua imagem como herói popular é uma unanimidade entre os sertanejos. Em conferência proferida na Academia Brasileira de Letras^{xx} nas comemorações do seu centenário, Vargas Llosa, falando sobre sua visita ao Nordeste brasileiro e seu contato com as memórias dos moradores do sertão, sobre os fatos da Guerra de Canudos e a vida de Conselheiro no auxílio a composição de *La guerra del fin del mundo*, comenta as disputas existentes.

Conversando com alguns padres no final da década de 1970, o escritor peruano identificou diferentes visões sobre o Conselheiro. Para alguns, o beato cearense não passava de um caso singular, sem maior importância, já para outros, como Dom José Gumercino que era sacerdote na cidade de Tucano, via no Conselheiro um herói popular, representante da fé. Entre os civis percebe-se também essa divergência de opinião sobre Conselheiro. Segundo Jerônimo Ribeira, Conselheiro é um típico representante do homem sertanejo “*que morre lutando quando alguém aparece para agredi-lo em sua própria casa*” e da Igreja “*que não abdicou nem se acovardou: a de São Paulo, de Santo André, de Deus e da família, da propriedade e da moral*”^{xxi}. Todavia de acordo com Walter Dourado, o Conselheiro nada mais tinha sido que “*um lunático e um complexado, e sua popularidade só pode ser explicada pela ignorância das pessoas que o seguiram*”, ou seja, a ideia que reproduz Canudos como refúgio de bandidos.^{xxii} A partir disso, podemos constatar que as disputas de representações sobre Conselheiro se dão no

campo da memória de uma forma bastante ampla, abrangendo as dimensões da historiografia, literatura, estendendo-se também a memória dos moradores do sertão.

Esse último posicionamento, como vimos acima, recebe muito das influências das ideias presentes nas obras que analisaremos brevemente, principalmente em *Os Sertões* e *Um místico brasileiro*. Em ambos os ensaios a imagem construída pelos seus respectivos autores, sobre Conselheiro, é depreciativa, caracterizando-o como um fanático. Vargas Llosa também não deixou de classificar o Conselheiro como um fanático, aliás, o que não se configura como uma surpresa, já que essa é a principal classificação recebida por Conselheiro desde os primeiros escritos ao seu respeito. Contudo, faz-se necessário uma investigação mais profícua sobre essas representações de Conselheiro e os significados desse fanatismo em Graham, principalmente em Vargas Llosa. Para Graham, o fanatismo, tanto de Conselheiro como dos seus seguidores, é uma característica dos povos que viviam em zonas de fronteiras. Já para Vargas Llosa, o fanatismo não foi apenas uma característica de Conselheiro e sua grei, estendendo-se também a outros personagens e instituições que estavam envolvidos da guerra, como por exemplo, o exército (Moreira César).

As páginas da literatura, dos livros de História e as lembranças dos sertanejos, provam que a memória de Antônio Conselheiro, continua ainda, muita viva. Vargas Llosa acentua que “*seu caso é digno de recordação porque ilustra, de forma mais trágica do que qualquer outro, as loucuras de que está repleta a história americana*”.^{xxiii} Conselheiro continuara sendo um personagem reescrito, reelaborado e reinventado, devido, não apenas, a complexidade de sua trajetória, mas também das várias interpretações que sua vida e personalidade singular sofreram pelos mais diferenciados indivíduos nos mais diferentes contextos e épocas.

ⁱ Leonardo Guimarães Leite. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local UNEB-Campus V. Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email: caloleo@bol.com.br.

ⁱⁱ Ver BOVO, Ana Paula. *Antônio Conselheiro, os vários*. Dissertação de Mestrado -Universidade Estadual de Campinas: São Paulo, 2007.

ⁱⁱⁱ Vargas Llosa publicou dezenas de obras, englobando ficção, ensaios e teatro, sendo vencedor de vários prêmios ao longo de sua carreira de escritor. Para citar apenas dois, ganhou o Prêmio Cervantes (1994), e foi o vencedor do Prêmio Nobel de Literatura (2010) “*por sua cartografia de estruturas de poder e suas imagens vigorosas sobre a resistência, revoltas e derrota individual*”. Ver site <http://oglobo.globo.com/cultura/mario-vargas-llosa-ganha-nobel-de-literatura-2942885>, último acesso 20\12\2011.

^{iv} Ver SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. 1ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.42-43.

^v *A Tarde*, Salvador: 6 de Setembro de 1979.

^{vi} *A Tarde*, Salvador: 6 de Setembro de 1979.

-
- ^{vii} Ver SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. 1986. p.37.
- ^{viii} Ver GUTIÉRREZ, Ângela. R. M. de. *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. Fortaleza: Sette Letras, 1996. p. 201.
- ^{ix} Idem p. 201.
- ^x Sobre o lugar do fanatismo na obra *A guerra do fim do mundo*, não poderemos nos deter com mais profundidade nesse artigo, mas, é importante ressaltar, que Vargas Llosa entende o fanatismo como elemento característico não somente de Antônio Conselheiro e seus seguidores de Belo Monte, mas, de outros personagens como Moreira César e Galileo Gall. Cada personagem representa um tipo específico de fanatismo: Antônio Conselheiro (fanatismo religioso), Moreira César (fanatismo pelos ideais republicanos), e Galileo Gall (fanatismo pelas ideias socialistas). Ver FERNANDES, Rinaldo de. Os Sertões na leitura de Mario Vargas Llosa: Quatro personagens de La guerra del fin del mundo. In: *O Clarin e a oração: cem anos de Os Sertões*. 1ª Edição. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p.411-437
- ^{xi} Ver VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo*. 1ª Edição. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1981. p.15.
- ^{xii} Ver REGO, Tarcisio Gomes do. *Vargas Llosa reescreve Euclides: uma proposta de Brasil*. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2010. .p. 66.
- ^{xiii} Idem p.66.
- ^{xiv} Ver FERNANDES, Rinaldo de. Os Sertões na leitura de Mario Vargas Llosa: Quatro personagens de La guerra del fin del mundo.p.412.
- ^{xv} Ver ELMORE, Peter. Renan, Euclides, Cunninghame Graham, Borges: A chave Gnóstica. In: *Discurso, Ciência e Controvérsia em Euclides da Cunha*. In: BERNUCCI, Leopoldo (Org). p.106.
- ^{xvi} Ver ROCCA, Pablo. Prefácio a Edição Uruguaia. In: *Um místico brasileiro: vida e milagres de Antônio Conselheiro*. In: GRAHAM, Robert. C. Tradução de Gênese Andrade e Marcela A.C. Silvestre. São Paulo: Sá Editora\ Editora da UNESP, 2002.
- ^{xvii} GRAHAM, Robert. C. *Um místico brasileiro: vida e milagres de Antônio Conselheiro*. p.123.
- ^{xviii} Ver Vargas Llosa. *La guerra del fin del mundo*. p.39-40.
- ^{xix} Ver GRAHAM, Robert. C. *Um místico brasileiro: vida e milagres de Antônio Conselheiro*. p.12.
- ^{xx} Ver VARGAS LLOSA, Mario. *A Guerra de Canudos: História e ficção. Sabres e Utopias: visões da América Latina*. Tradução Bernado Ajsemberg- Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- ^{xxi} Idem p.136-137.
- ^{xxii} Idem p.137.
- ^{xxiii} Idem p.137.